



Revolução dos cravos: uma experiência prodigiosa

Carnation revolution: a prodigious experience

Elisangela Fátima Nogueira Godêncio¹

Resumo: Este artigo pretende analisar, no romance **O Dia dos Prodígios** de Lídia Jorge, como se processam os efeitos causados pela Revolução dos Cravos nos habitantes de Vilamaninhos, pequeno vilarejo onde se desenvolve o romance. Aspectos do romance português contemporâneo também são examinados neste trabalho, pois a obra em questão foi escrita neste contexto.

Palavras-Chave: Lídia Jorge; Romance Português Contemporâneo, Revolução dos Cravos; Alienação.

Abstract: This article intend to analyze, in the novel **O dia dos prodígios** of Lidia Jorge, how to process the effects caused by the Carnation Revolution in the inhabitants of Vilamaninhos, small village where develops the novel. Aspects of contemporary portuguese novel is also examined in this study, since the work in question was written in this context.

Keywords: Lídia Jorge; Contemporary Portuguese Novel; Carnation Revolution; Alienation.

Nos anos posteriores aos 25 de abril de 1974, nota-se um grande florescimento do gênero romanesco em Portugal. Há naquele momento algo diferente que paira no ar, no que se refere ao contexto histórico, pois um “fantasma circula entre nós nestes anos 80: o pós-modernismo” (SANTOS, 1988, p. 7). Nota-se, pela data de seu surgimento como escritora, que a escritura de Lídia Jorge está inserida nesta conjuntura sócio-cultural e estética, apresentando elementos que apontam para a pós-modernidade: a “desconstrução” dos níveis microestruturais do romance; a revolução de sua própria estrutura espaço-temporal; o modo como se processa a organização das personagens e do enredo e a presença de um fato histórico que permeia em especial a narrativa **O Dia dos**

¹ Professora de Literatura da Faculdade Eça de Queirós; Mestre em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo; Doutoranda em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

Prodígios, a Revolução de Abril de 74 (também chamada de Revolução dos Cravos). Mas, antes de nos atermos a esse fato histórico, interessante seria fazer uma breve explanação acerca do romance pós-moderno, pois a obra em questão se insere neste contexto.

O pós-moderno pode ser considerado como algo fundamentalmente contraditório, pois apresenta traços a apontar não só para o que Hutcheon (1991) chamou de “presença do passado” (continuidade), como também para a ruptura de um padrão já estabelecido e definido. A esse respeito, é importante ressaltar que “a presença do passado” na pós-modernidade não representa um retorno nostálgico, mas sim uma reavaliação crítica, uma espécie de diálogo irônico com o passado da arte e da sociedade. No entanto, a ruptura, talvez a principal característica da modernidade, volta a apontar o aspecto moderno da pós-modernidade.

Por se mostrar contraditório e atuar dentro dos próprios sistemas que tenta subverter, o pós-modernismo não pode ser considerado como um novo paradigma, mas serve como marco para o surgimento de algo novo. Mostra-se como um processo ou atividade cultural em andamento e uma estrutura teórica aberta, em constante mutação, com o qual é possível organizar conhecimentos culturais e procedimentos críticos. O debate acerca do próprio termo pós-modernismo começa pelo significado do prefixo “pós”. Essa “posição ‘pós’ assinala sua dependência e sua independência contraditórias em relação àquilo que o precedeu no tempo e que possibilitou sua existência” (HUTCHEON, 1991, p. 36).

Assim, parece evidente a relação que se estabelece entre pós-modernidade e modernidade, pois a primeira não caracteriza um rompimento radical nem uma ligação direta em relação à segunda. A pós-modernidade apresenta esses dois aspectos e, concomitantemente, não apresenta nenhum. Isso sugere, inevitavelmente, uma inserção da modernidade na pós-modernidade, mas o relacionamento complexo entre ambas é de consequência, diferença e dependência. A pós-modernidade confronta e contesta qualquer rejeição ou recuperação modernista do passado em nome do futuro. Esta sugere “uma

reavaliação e um diálogo em relação ao passado à luz do presente” (HUTCHEON, 1991, p. 39). Desse modo, o passado como referente não é enquadrado nem apagado, mas sim incorporado e modificado, recebendo uma vida e um sentido novo e diferente.

Na literatura, especificamente no romance, nota-se um contraste. Enquanto os modernos defendem ao máximo a forma e a originalidade, os pós-modernos lutam pela extinção da forma romance, como no *nouveau roman* francês, ou então clamam pela paródia, o pastiche e pelo uso de outras formas romanescas: romance histórico, policial, ficção científica, etc. Desse modo, na pós-modernidade, o romance perde aquela característica linear (em que todos os elementos da narrativa, enredo, espaço, tempo, personagem, se encadeiam de forma clara, precisa e seqüencial), tão acentuada pelos modernos, para incorporar uma forma narrativa que bane o enredo, o assunto e a personagem, em uma tentativa de matar o romance enquanto gênero.

Nesse sentido, a ficção da pós-modernidade “recusa o realismo (o parecer verdadeiro), recusa o enredo com começo, meio e fim, o herói metido em aventuras, o retrato psicológico e social, a mensagem política ou moral” (SANTOS, 1988, p. 62). Mas, por outro lado, ela procura valorizar os objetos, analisados sob a perspectiva do olhar de alguém que utiliza uma câmera cinematográfica. A narrativa pós-moderna se vale, simultaneamente, de vários narradores; mistura realidade, sonho, delírio, para criar um clima de incerteza; sugere um embaralhamento na ordem espacial e temporal dos acontecimentos, numa extrema fragmentação, privilegiando o texto, o ato de escrever.

A escritura pós-moderna em Portugal contempla uma gama variada de temas: a opressão ditatorial; o peso da tradição; a descaracterização de um povo; a condição feminina; Revolução dos Cravos. Estes estão relacionados ao contexto sócio-cultural português, no período anterior à Revolução dos Cravos (mais precisamente o período em que Oliveira Salazar governava o país) e também ao período posterior à revolução (período de muitas transformações em Portugal). Com efeito, nela é perceptível a marca registrada da ficção portuguesa

contemporânea, com sua tendência inata para contemplar os problemas político-sociais do país. Desse modo, o romance português contemporâneo não só fará um inventário crítico da situação sociopolítico-econômica portuguesa, como também dos elementos que compõem a estrutura desse romance e do compromisso do escritor com a realidade.

Neste romance de Lídia Jorge é possível notar a presença destes temas pela forma como a autora constrói a narrativa, se valendo de elementos que apontam para o culto ao passado; para a submissão da mulher perante o homem e para a opressão. A tendência à revisão da História de Portugal acompanha toda a narrativa: a já tradicional menção à epicidade do povo lusitano, tal como foi construída por Camões *n'Os Lusíadas*, também comparece em **O dia dos prodígios**, porém de forma rebaixada, na figura das personagens humildes e solitárias de Vilamaninhos (cidade fictícia onde se desenvolve a narrativa). Sem deixar de mencionar a presença da Revolução dos Cravos, fato histórico que dá sustentação à narrativa. Esta Revolução é um dos temas que contempla a escritura pós-moderna e que se apresenta como foco principal no romance de Lídia Jorge.

A Revolução dos Cravos, ocorrida em 25 de Abril de 1974, é, sem dúvida, um marco na história de Portugal, pois esse levantamento militar derrubou, num só dia, o regime político que vigorava em Portugal desde 1926. A Revolução de 25 de Abril foi conduzida pelos oficiais intermédios da hierarquia militar (o MFA, Movimento das Forças Armadas), na sua maior parte capitães que tinham participado da Guerra Colonial (período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas de Angola, Guiné Bissau e Moçambique, entre 1961 e 1974). Considera-se, em termos gerais, que esta revolução devolveu a liberdade ao povo português.

O movimento revolucionário de 25 Abril de 74 foi ocasionado pelo apogeu de um descontentamento apresentado pelo povo português pela implementação de um regime autoritário de inspiração fascista. Esse regime é denominado por

Estado Novo ou II República. Este é um regime político autoritário, conservador, tradicionalista, anti-democrático e repressivo (apoiado na PIDE, Polícia Internacional e de Defesa do Estado), instituído sob a direção de Antônio de Oliveira Salazar, um conservador e tradicionalista católico que governou Portugal durante 41 anos, desde 1933 (com a aprovação de uma nova Constituição por plebiscito nacional) a 1968 (quando foi acometido por uma queda em que sofreu lesões cerebrais). Após o seu afastamento, Salazar foi substituído por Marcello Caetano que governou até 1974.

No salazarismo, semeava-se o terror, o medo e o silêncio na sociedade, pois os opositores eram torturados, interrogados e mantidos, se necessário, em prisões e campos de concentração. A Igreja Católica, como afirma Secco (2004, p.56) “difundia a ideologia da ordem, da noção de dilatação da fé e do império como fatos coligados e indissociáveis”. Por outras palavras, Salazar, que se pretende um homem religioso, católico, associa o seu regime militar à Igreja Católica. Isto garante à Igreja Católica, dentre outros privilégios, o livre exercício da sua autoridade sobre a sociedade portuguesa.

O povo português vivia, então, sob pressão, pois estavam sob os demandos da ditadura salazarista e também sob as ordens da Igreja Católica. Por conta disso, havia um desgaste e uma insatisfação muito grande na sociedade, mas também estavam descontentes com o advento da Guerra Colonial (período de confrontos entre as Forças Armadas Portuguesas e as forças organizadas pelos movimentos de libertação das antigas províncias ultramarinas). Em consequência disto, os oficiais de média patente se rebelam e acontece a Revolução dos Cravos.

Sob o ponto de vista histórico, a Revolução causou em Portugal uma grande transformação nos diversos setores políticos, econômicos e sociais. No âmbito literário não foi diferente, pois, com o florescer da Revolução, a narrativa portuguesa passa a ser produzida pelos escritores com um novo olhar, aquele que não mais se baseia em um contexto social dominado pela opressão ditatorial, mas um olhar que tem uma perspectiva de progresso, de inovação.

No período imediatamente posterior aos 25 de Abril há indícios de que houve um decréscimo da produção romanesca em Portugal. De acordo com Lídia Jorge, citada por Gomes (1993, p. 146) “o que aconteceu foi que o país ficou em estado de sítio, no bom sentido”. Em outras palavras, as pessoas que estavam escrevendo naquele momento pararam de produzir,

porque houve um momento cívico com uma força tão grande, com uma turbulência tão grande, que os escritores sentiram que não queriam escrever como estavam a escrever até aí, pois não tinham feito a síntese necessária, para perseguir um novo caminho (GOMES, 1993, p. 146).

Com o advento da Revolução de Abril surgiu, no povo português, a necessidade de reformulação de suas referências em relação ao mundo, bem como a necessidade de refazer a própria mitologia subjacente. A revolução deveria ser vista, por toda a sociedade portuguesa, como uma forma de esperança, de progresso, de inovação, como uma nova maneira de encarar o mundo, afinal livrou Portugal de uma ditadura muito intensa. Mas, para uma parcela da população, principalmente aqueles que habitavam nos campos, ela não teve grandes repercussões. Mesmo após a revolução, aqueles que estavam distante do grande centro, Lisboa, continuavam realizando serviços braçais e completamente sem recursos para levar uma vida confortável.

No que concerne a Vilamaninhos, microcosmos de **O Dia dos Prodígios**, observa-se que a revolução não teve um efeito muito positivo, pois se trata de uma vila do interior do Algarve que não evoluiu junto com as transformações que ocorreram em Portugal, ao contrário, permaneceu estagnada e sem intenção de progresso. Desse modo, a maneira pela qual o povo de Vilamaninhos percebeu a revolução mostra que estão alheios ao mundo em que vivem.

A notícia acerca da revolução chega à vila através do único meio de comunicação que se tem, o rádio de Pássaro Volante (uma das personagens mais idosas da aldeia), e através de Maria Rebola, dona do bar, que também contribui

dizendo: “em Lisboa os soldados fizeram uma revolução para melhorarem a vida de toda aquela gente? Uma re vo lu ção?” (JORGE, 1982, p. 133).

Jesuína Palha, a personagem porta-voz da comunidade, também se encarrega de avisar aos habitantes sobre a revolução, mas não deixou de expor as suas críticas sobre o assunto:

Gente que já tem luzes [...] Gente que basta fazer assim com o dedo mindinho, para que todos os instrumentos comecem a fazer o serviço por eles mesmos como se tivessem braços. [...] Gente que come carne todos os dias da semana [...] Gente que já tem tudo o que nem é possível a gente imaginar [...] E essa gente ainda não estava conformada com o destino. (JORGE, 1982, p. 141-143).

A porta-voz da comunidade procura enfatizar o distanciamento que há entre os habitantes do vilarejo e aqueles que vivem em Lisboa, dizendo:

E essa gente se quisesse nem precisava calçar sapatos para andar. Lá todos os dias as ruas são limpas de madrugada [...] E as luzes. Dizem. Ficam acesas toda a noite, para aluminar as casas. [...] Aqui é uma tristeza. Vejam. Mesmo as ruas que as donas queriam ter limpas, cedo ou tarde parecem um mar de porqueira em campo de besaranha (JORGE, 1982, p. 143).

Neste romance a autora revisita sob uma perspectiva irônica, esse “dia maravilhoso” dos 25 de Abril de 1974. Neste caso, a ironia se processa pela reação que os vilamaninhenses tiveram ao se depararem com os soldados. No final do romance, os soldados anunciam aos habitantes da aldeia que havia acontecido uma revolução. Os camponeses, incapazes de compreender o quanto aquele fato contribuía para o progresso de toda a sociedade, acreditavam que os soldados estavam ali por qualquer razão menos para anunciar uma revolução. Desse modo, enquanto toda a nação portuguesa lutava pelos seus ideais, os vilamaninhenses “dormiam e faziam baracinha como se nada fosse” (JORGE, 1982, p. 141).

O impacto causado pela revolução deveria transformar toda a sociedade portuguesa. Contudo, ao que parece, tais mudanças operam-se somente na superfície, pois as estruturas menos esclarecidas, representadas no romance

pelos vilamaninhenses, continuam intactas. Para a comunidade de Vilamaninhos, a Revolução era um misto de fantasia e realidade, pois acreditavam que os soldados estavam visitando todos os vilarejos de Portugal para “ouvir todas as queixas” (JORGE, 1982, p. 134) e, conseqüentemente, tirá-los da miséria. Ficavam eufóricos quando pensavam na visita dos soldados, mas logo percebiam “Que se tinham alvoroçado por nada” (JORGE, 1982, p. 157) porque “Esses que aí vieram mostrar-se nem chegaram a ouvir a voz da gente” (JORGE, 1982, p. 157).

O fato é que os soldados não estavam ali para ouvir as histórias e lamentações daquele povo, mas sim para preenchê-los com um discurso cheio de idéias e significado. Embora falassem sobre liberdade de expressão e união entre todos os povos, “ninguém compreendeu as palavras” (JORGE, 1982, p. 161). Essa forma de comunicação deficiente que se estabelece entre vilamaninhenses e soldados é mostrada quando um dos soldados direciona-se a toda a comunidade, dizendo acreditar que “aquela era a hora dos humilhados e dos oprimidos” (JORGE, 1982, p. 154). Manuel Gertrudes (outra personagem da narrativa) mostrando sua falta de consciência política responde: “E quem são esses?” (JORGE, 1982, p. 161).

Nota-se que as personagens, representando a sociedade portuguesa que habita fora dos grandes centros, não vivenciam a revolução, pois não percebem a importância desse acontecimento e as transformações que o país sofre com ele. A maneira como notificaram a revolução mostra o quanto os aldeões estavam fechados em si mesmos, impossibilitados de enxergar qualquer ocorrência que estivesse fora do âmbito da visão de mundo limitada que tinham. Isso se processa porque aqueles pobres aldeões semianalfabetos, ainda estavam parados num tempo em que tinham que fingir não ver aquilo que estava posto, em tempos de ditadura salazarista. Eles não perceberam que a repressão havia acabado e que o momento de desatar as amarras era aquele. Estavam diante de um tempo, que, talvez, jamais imaginaram que chegaria, era, sim, tempo de libertação. Mas, infelizmente, os habitantes do vilarejo eram incapazes de avaliar as

conseqüências do movimento revolucionário de 74, que se oferece a eles como notícia com a chegada de “soldados garbosos e épicos, penetrando já pelo centro de Vilamaninhos com bandeiras e flores” (JORGE, 1982, p. 152).

Para aquele povo sem instrução, os soldados ali presentes são seres de outro planeta, enviados do céu. Tanto que Jesuína diz: “Vem ai um carro. Um carro celestial. Celestial. Olhem todos. Traz os anjos e os arcanjos [...] Vamos ser visitados por seres saídos do céu, e vindos de outras esferas. Onde os séculos têm outra idade” (JORGE, 1982, p. 152). Este modo de agir, como seres que vivem sem conhecer ou compreender os fatores políticos que os condicionam, comprova a alienação do povo da vila, pois, voluntariamente ou não, os vilamaninhenses mantinham-se distantes da realidade que os cercava. Depois deste episódio a vida dos camponeses se resume em esperar por algo ou alguém que venha para explicar o acontecido. “Vão tão lentos os dias nesta espera” (JORGE, 1982: 150) que aquela expectativa presente no início do texto vai se transformando, ao longo da narrativa, em desilusão e frustração.

Após a partida dos soldados, a vida perde o sentido para os camponeses, pois, como adverte a personagem Macário, um cantador lunático, “sempre que damos ouvidos a outros [...] levam a esperança que a gente tem” (JORGE, 1982: 158). Diante dos relatos dos camponeses os soldados tiveram a confirmação de que o povo daquele vilarejo encontrava-se num estado de alienação profunda e, por conta disso, não tinham conhecimento dos benefícios que essa revolução poderia trazer para toda a sociedade portuguesa.

Desse modo, as personagens situavam-se ilhadas entre um passado esgotado e um futuro sem perspectivas, que nem mesmo o fenômeno da Revolução pôde salvar. O comportamento dos vilamaninhenses diante da notícia da revolução era uma amostra de que estavam completamente afastados de sua real natureza. Em outras palavras, não eram capazes de perceber a importância desse acontecimento porque estavam alienados e, para eles, o mundo se restringia àquele vilarejo e as pessoas que ali habitavam.

Ao que parece, a idéia de Revolução para os habitantes daquela vila era apenas “assombração” ou “ilusão de sentidos” (JORGE, 1982: 162). O fato de as pessoas do vilarejo serem mencionadas pelo soldado como “alavanca dos prodígios” (JORGE, 1982: 154), na realidade, os torna ainda mais impotentes, pois continuam vivendo na mesmice de antes. O título da obra **O Dia dos Prodígios** simplesmente reforça, ironicamente, essa visão equivocada que os vilamaninhenses tinham sobre a revolução, pois o prodígio que deveria ser algo extraordinário, maravilhoso, sinônimo de mudança, acaba se transformando em um pesadelo. Os camponeses logo percebem que essa transformação que esperavam acontecer, pelo aparecimento dos soldados na vila, não se concretizaria, pois a transformação não era algo que viria de fora, algo que se continha num espaço comum, visível, mas sim, de acordo com Gomes (1993), algo que estava no interior de cada habitante do vilarejo e caberia a cada um deles transformar-se ou não.

A autora coloca o leitor diante de uma história, aparentemente, comum, mas que se origina por meio de uma cultura mítica. Nesta história há um momento de ruptura, que chama as personagens desta narrativa para a realidade, a Revolução dos Cravos. Mas, frente à revolução, Lídia Jorge promove a mitologização da história, ou seja, cria, a partir de um fato histórico, sua própria mitologia e isto provoca o exagero da experiência cotidiana alicerçada na imaginação mítica. Por conta disso, o povo de Vilamaninhos, parcela significativa do povo português, não chegou a reconhecer o momento histórico que vivia.

É possível notar que **O Dia dos Prodígios** pode ser traduzido como metáfora dos acontecimentos anteriores e posteriores à Revolução de Abril. A obra identifica-se no período anterior por caracterizar-se pela anestesia do povo de Vilamaninhos e pelo atraso econômico e cultural. Pode-se enquadrar, também, a narrativa de Lídia Jorge, no posterior à Revolução em razão da euforia e da ansiedade que se instala por conta deste acontecimento.

No que se refere a Portugal, observa-se que, após a Revolução, os portugueses tentam viver as décadas de história europeia de que se viram

privados pelo regime ditatorial. Em meio a esta euforia inicial aparecem as dificuldades do período crítico da construção da democracia. Além disso, a entrada de Portugal na Comunidade Européia (algo que deveria ser bom, pois isto ofereceria a Portugal a possibilidade de deixar de estar só e de permanecer num ostracismo) não atendeu as expectativas. Isso ocorre pelo fato desta modernização social chocar-se com crescentes dificuldades financeiras, o que faz continuar a desigualdade, o arcaísmo e a desorganização social. Com isso a busca da integridade na Comunidade Européia termina por desmascarar as fragilidades de uma nação que não se enquadra nem no primeiro e nem no terceiro mundo. Deste modo, como postulou Lourenço (1994, p.181), Portugal permanece “parado num pós-25 de Abril que não acaba de acabar”.

No que concerne à obra de Lídia Jorge é possível notar que a autora constrói uma alegoria de um país fechado que era Portugal na época do salazarismo e que diante de uma grande agitação, por conta da chegada de soldados à vila, os habitantes do vilarejo ficam eufóricos. Mas, essa euforia dura até o instante em que os soldados deixam transparecer, por meio de seu discurso, que não estão ali para ouvir histórias, mas sim para falar de uma Revolução. Naquele momento, tudo parou na Vilamaninhos, como se os vilamaninhenses (representando a sociedade portuguesa camponesa) ficassem em estado de êxtase, demonstrando uma evidente decepção.

Sendo assim, o que deveria ser visto como uma possibilidade de libertação, porque a ditadura foi muito intensa, foi visto como um acontecimento qualquer. Na realidade, acredito, que nem saberiam como lidar com essa tal liberdade, tão desejada, tão esperada, mas que quando chega ao alcance das mãos de pessoas com uma simplicidade aparente transforma-se em algo sem utilidade, pois é uma liberdade para poucos, para aqueles que realmente entenderam o quanto foi significativo esse acontecimento tão importante para a nação portuguesa (a Revolução de 25 de Abril de 1974).

Bibliografia

GOMES, Álvaro Cardoso. **A voz itinerante: ensaio do romance português contemporâneo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JORGE, Lúcia. **O Dia dos Prodígios**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1982.

LOURENÇO, Eduardo. **A Europa Desencantada: para uma mitologia europeia**. Lisboa: Visão, 1994.

SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

SECCO, Lincoln. **A Revolução dos Cravos e a crise do império colonial português: economias, espaços e tomadas de consciência**. São Paulo: Alameda, 2004.